



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

01 e 02 de setembro de 2018

A Notícia Da Redação "Desafio das pontes"

Desafio das pontes / Udesc / Competição / UFSC / Joinville

DESAFIO DAS PONTES

Neste sábado será realizada a 10ª edição do Desafio das Pontes da Udesc. Nove equipes vão participar da competição. Nesta edição, sete equipes são da Udesc Joinville, uma da UFSC e uma do Centro de Educação do Planalto Norte da Udesc de São Bento do Sul. O evento será no ginásio de esportes da Udesc Joinville, com apresentação das equipes às 8h30, início da construção às 9h30 e horário-limite para finalização às 14h30. O Desafio, carregamento das pontes até a ruptura, será às 18h.

Diário Catarinense e A Notícia Justiça

"Florianópolis terá projeto para reeducar condenados por violência doméstica"

Florianópolis terá projeto para reeducar condenados por violência doméstica / Lei Maria da Penha / Tribunal de Justiça / TJ-SC / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / FSalete Sommariva / Cevid / Femicídio / Santa Catarina / Capacitação

FLORIANÓPOLIS TERÁ PROJETO PARA REEDUCAR CONDENADOS POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

PROGRAMA DEVE INICIAR até outubro deste ano e segue uma orientação da Lei Maria da Penha

Uma parceria entre o Tribunal de Justiça (TJ-SC) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deve criar em Florianópolis um espaço para atender agressores condenados por crimes de violência doméstica. O objetivo é que os juízes tenham uma opção além da medida punitiva, encaminhando os homens para os grupos de reflexão que serão abertos na universidade.

A desembargadora Salete Sommariva, coordenadora estadual da mulher em situação de violência doméstica e familiar (Cevid) no TJ-SC, reconhece que a iniciativa pode ser polêmica para algumas pessoas. Entretanto, ela diz acreditar que o projeto é uma tentativa de abordar o problema de uma forma que não seja apenas condenativa, já que os números de violência doméstica



9/10/2016 10h 20min 00seg 00ms

Desembargadora diz que o objetivo é proteger a vítima e educar o agressor

ca e feminicídio seguem altos em Santa Catarina.

– Nosso objetivo é proteger a vítima e educar o agressor. Nós temos o instituto de apenas punir o agressor. Porém, não existe aquele viés de atendimento que muitas comarcas e juízes já estão fazendo. Ainda é difícil aplicar isso porque a sociedade não aceita, acha que o agressor tem que apenas ser punido.

Mas isso não está resolvendo muito, então precisamos buscar outra forma de tratá-lo – afirma Salete Sommariva.

A magistrada explica que o projeto deve começar até outubro deste ano e justifica que a iniciativa também é importante para seguir uma orientação da Lei Maria da Penha, a qual prevê atendimento ao agressor usuário de álcool e

drogas. De acordo com ela, cerca de 90% dos homens envolvidos em casos de violência doméstica se enquadram nesses quesitos.

CURSO PARA DOCENTES DA REDE PÚBLICA

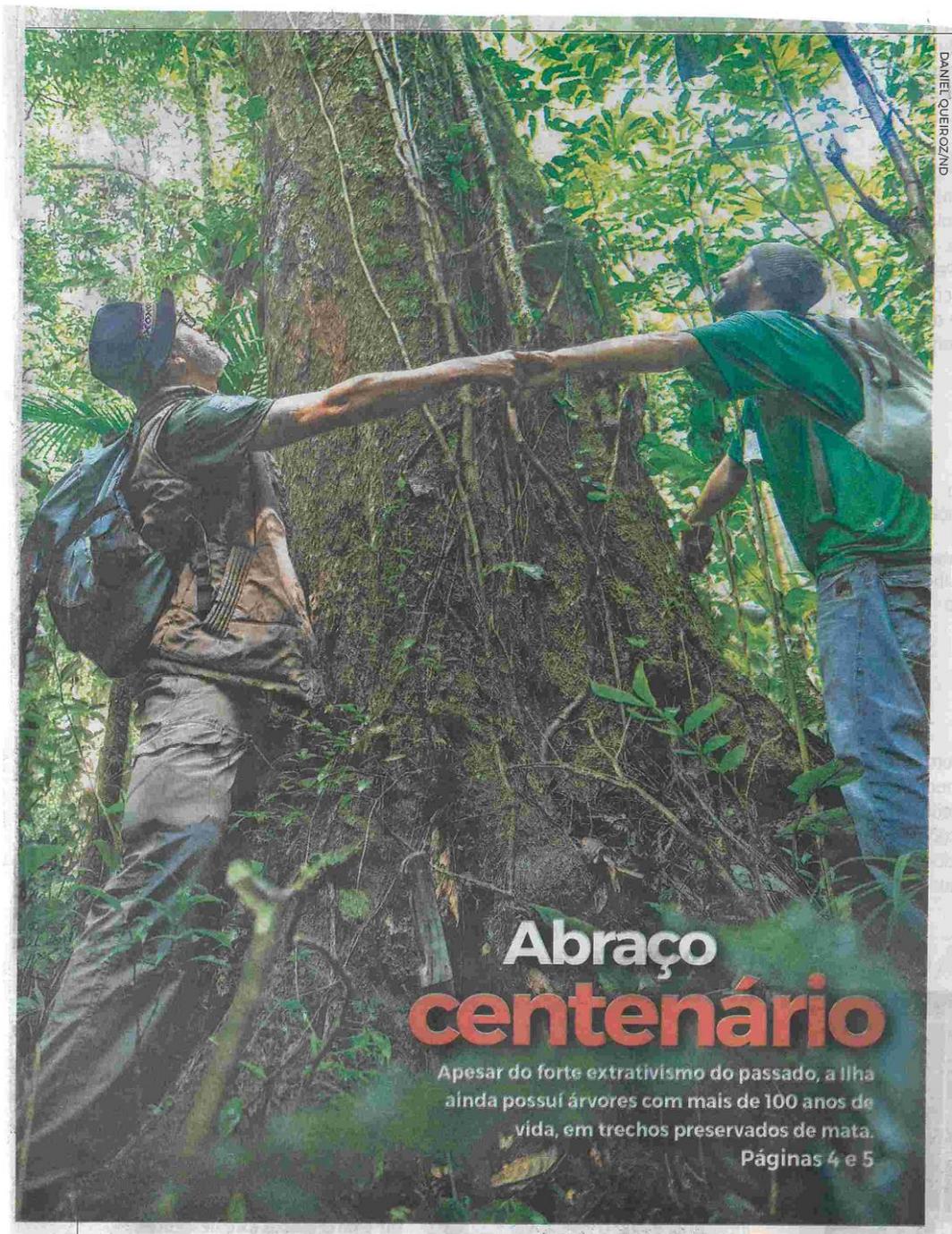
Sessenta diretores e professores da rede pública da Grande Florianópolis iniciaram uma capacitação para lidar com a temática da violência doméstica na sala de aula. A Cevid está coordenando a iniciativa e busca preparar os profissionais da educação para casos de alunos que são vítimas ou presenciaram violência doméstica, com a possibilidade de inserir uma disciplina sobre o tema no currículo estudantil.

Há previsão para um concurso escolar. O TJ-SC deve premiar alunos e escolas.

Notícias do Dia
Capa e Cidade

“Centenárias, resistentes e muito raras”

Centenárias, resistentes e muito raras / Extrativismo / Parque Natural da Lagoa do Peri / Sul da Ilha / Santa Catarina / Florianópolis / Árvores / Canela-preta / Peroba / Sapopema / Pau óleo / Guarapari / Extração madeireira / João de Deus Medeiros / Professor / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Depuc / Departamento das Unidades de Conservação / Floram / Fundação Municipal do Meio Ambiente / Mauro Manoel da Costa / Estevão Fortunato / Florestas / Francisco Dias Velho / Clima / Diversidade



Centenárias, resistentes e muito raras

Árvores que suportaram processo de extração são remanescentes da floresta tropical primária da Ilha

MICHAEL GONÇALVES
michael.goncalves@noticiasdodia.com.br

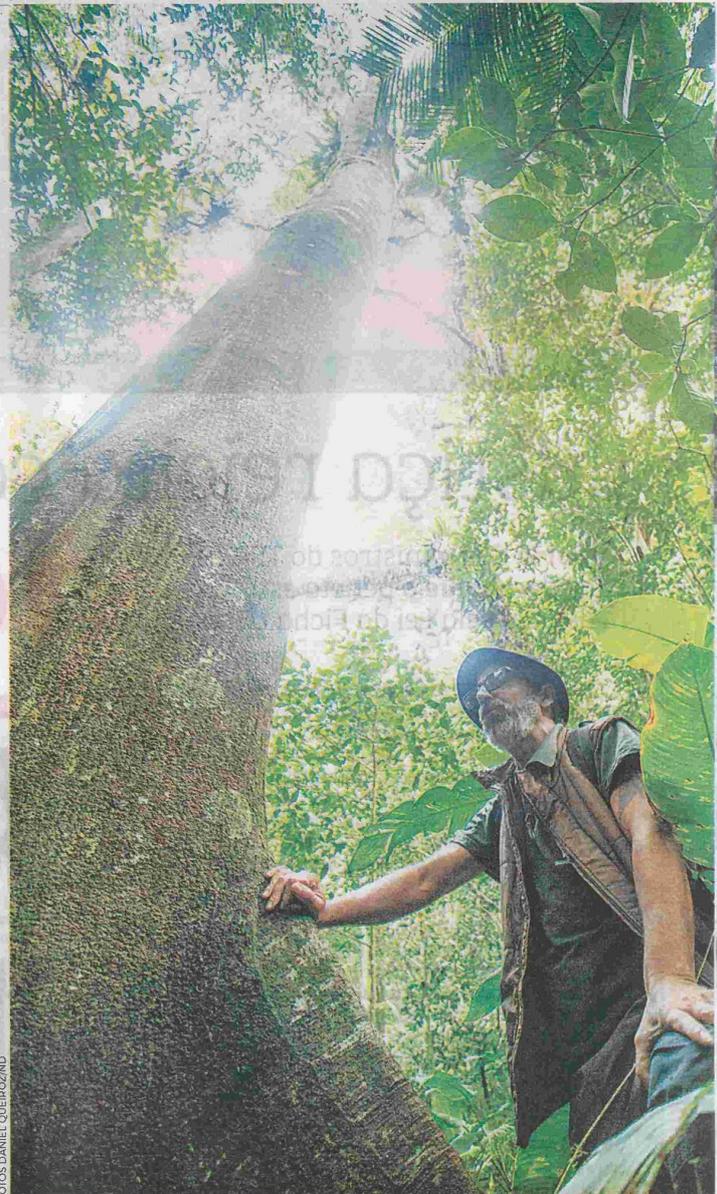
Agrupadas em uma localidade do Parque Natural da Lagoa do Peri, no Sul da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis, os exemplares de canela-preta, peroba, sapopema, pau óleo e guarapari são algumas das árvores centenárias que resistiram a um processo de extração madeireira seletiva durante décadas. Os poucos indivíduos no fragmento de mata na unidade de conservação do município são remanescentes da floresta tropical primária que existia na região antes da colonização. João de Deus Medeiros, biólogo e professor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), explica que a canela-preta representava até 70% dos exemplares de uma floresta e, desde 1992, a árvore entrou para a lista de ameaçadas de extinção. A estimativa é de que a maior canela-preta catalogada tenha mais de 400 anos, ou seja, está no mesmo local antes da fundação da capital catarinense, em 1673.

As árvores que passam dos cem anos normalmente são da espécie climácica, que têm alto valor econômico. São as conhecidas madeiras de lei. "Priorizamos o uso da madeira de boa qualidade e, assim, derrubamos as espécies de crescimento lento, com alta dificuldade de regeneração, de ciclo de vida longo e isto foi desastroso. Com a mudança na lógica econômica, a mata começou a regenerar, mas o

que temos é uma floresta secundária, onde não encontramos as árvores centenárias", conta Medeiros.

Boa parte da floresta de mata atlântica da Ilha também foi dizimada para dar espaço para as roças de mandioca e da cana-de-açúcar. Isso resultou na morte e na dispersão de muitos animais, que tinham relação de dependência com estas espécies arbóreas, porque a concepção de floresta atual é a flora mais a fauna. Para o chefe do Depuc (Departamento das Unidades de Conservação) da Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente), Mauro Manoel da Costa, as nossas florestas estão praticamente vazias.

O pássaro macuco, o veado-mateiro e o papagaio-de-cara-roxa são alguns dos animais que desapareceram da mata no entorno da Lagoa do Peri. "Também encontramos a canela-preta em uma localidade no maciço do Norte da Ilha, mas muitas vezes a falta de disseminação não é um problema da árvore, mas da quebra do elo de interação ecológica. Parte das espécies climácicas não demonstra regeneração natural, porque são espécies muito exigentes, que dependem de uma interação com a fauna", diz Medeiros. Durante a expedição, o servidor operacional da Floram Estevão Fortunato identificou alguns palmiteiros caídos, provavelmente, pela ação de cutias e de capivaras, além das fezes e rastros desses animais. ●



FOTOS DANIEL QUEIROZINO

FIQUE POR DENTRO

A mata atlântica na Ilha

FLORESTAS

- **Primárias:** Não sofreram intervenção do homem, sem alterações em sua estrutura vegetal e na população animal. Não há mais remanescentes de florestas primárias na Ilha de Santa Catarina.
- **Secundárias:** Sofreram alterações pela mão do homem, mas conseguiram se regenerar. Após o desmatamento para a utilização da agricultura ou pecuária e o consequente abandono, a vegetação volta a ocupar o seu espaço, mas com outras espécies de árvores.

ÁRVORES

- **Pioneiras:** Espécies com crescimento rápido, madeira de baixa qualidade e ciclo de vida curto. Suportam variações climáticas que são consideradas extremas para a maioria das espécies vegetais: calor ou frio intenso, solos pobres em nutrientes e água, grandes variações de temperaturas e umidade do ar.
- **Climácicas:** Espécies que formam as florestas maduras, com crescimento lento, com porte longo, madeira de alta qualidade e ciclo de vida longo. Dependem da umidade no solo e também de uma ampla gama de nutrientes para que suas sementes germinem. São espécies exigentes que geralmente dependem da fauna para disseminar as suas sementes.



Canela-preta tem mais de 400 anos

■ Há mais de uma década, o chefe do Depuc da Floram, Mauro Manoel da Costa, descobriu um fragmento de mata virgem no Parque Natural da Lagoa do Peri. Foi nesta oportunidade que a equipe da Floram conheceu uma canela-preta com mais de três metros de circunferência, mais de 20 metros de altura e mais de 400 anos de vida. E, por isso, o exemplar ganhou o apelido de Dias Velho, em homenagem ao fundador de Florianópolis, Francisco Dias Velho, em 1673. "Esta canela-preta é a de maior porte e de diâmetro já identificada. Em um hectare encontramos mais de 40 canelas adultas, característica de uma mata primária, porque se houve um desmatamento seletivo foi muito brando. Com mais de 400 anos, colocamos o apelido da árvore de Dias Velho. Na época, procurávamos a caetê [mata virgem] da ilha", explica.

Uma das evidências da qualidade da floresta é observar as plantas epífitas que estão nos galhos. Nesta canela-preta, o técnico da Floram Aracídio de Freitas Barbosa Neto observa uma orquídea laélia purpurata, flor símbolo do Estado. "Existe um ecossistema sobre esta árvore, com bromélias e orquídeas laélia purpurata, que indicam a qualidade florestal", diz.



Crescimento lento da canela-preta, que está ameaçada de extinção

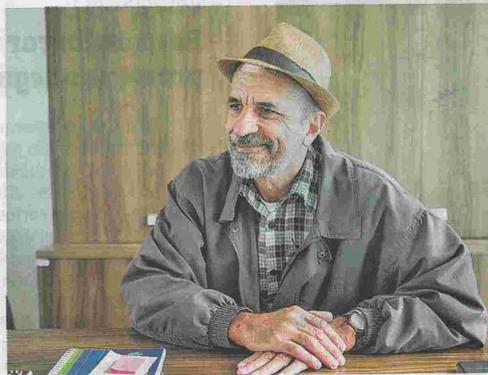
Mudança das espécies interfere no clima

■ Para chegar às árvores centenárias no Parque Natural da Lagoa do Peri, o caminho apresenta uma serraria de pedra desativada há 50 anos. As madeiras utilizadas em seu eixo ainda resistem ao tempo devido à densidade da espécie. As clareiras abertas por esta serraria facilitaram o crescimento das árvores pioneiras, que se desenvolvem bem em plena luz, mas tem um ciclo de vida curto.

Isso resultou em uma recuperação florestal nas últimas cinco décadas, mas sem a qualidade do ecossistema original. De acordo

com o biólogo João de Deus Medeiros, a estabilidade climática é prejudicada com o desaparecimento das árvores centenárias.

A mudança das espécies interfere na quantidade de carbono armazenado. "O clima é o resultado de uma floresta como um todo. A diferença é a estabilidade climática, porque as espécies climáticas, que são as centenárias, armazenam o carbono por séculos, coisas que as pioneiras não o fazem. Isso também prejudica a manutenção da diversidade da fauna, no processo de coevolução", afirma.



A IDADE DAS ÁRVORES

Um ano não equivale a 12 meses

- O método científico que determina a idade de uma árvore com base nos anéis do tronco é chamado de dendrocronologia
- A técnica foi inventada e desenvolvida pelo pesquisador da universidade do Arizona Andrew Ellicott Douglass
- Um ano na idade das árvores não equivale a 12 meses, porque depende das condições climáticas

- Se o clima é favorável durante a maior parte do tempo, o ano será mais longo. Se for ruim, com baixas temperaturas e poucas chuvas, o ano será menor
- A idade das árvores é estimada pela quantidade de círculos escuros, que são chamados de anéis de crescimento
- Os anéis são contados de dentro para fora e cada anel equivale a um ano de vida.

João de Deus questiona a qualidade da floresta atual

Floresta sem diversidade é preocupante

■ A melhora na cobertura vegetal na Ilha de Santa Catarina não é motivo de comemoração para o biólogo João de Deus Medeiros, que questiona a qualidade da floresta atual. Formada por floresta tropical de mata atlântica, muito úmida e com regime de chuva intenso, a ilha favorece o crescimento de árvores.

"Se você pegar uma foto de satélite das décadas de 40 e 50 é nítido o aumento na cobertura florestal, mas é uma floresta pobre do ponto de vista de diversidade florestal. Talvez o caso mais exemplar seja aquela área da Lagoa do Peri", afirma. "É um dos melhores locais em termos de ecossistema

florestal, mas que está distante de uma floresta climática. Até sobraram alguns exemplares, que devem estar lá pela dificuldade de retirar do alto do morro", completa.

Para Medeiros, a situação é preocupante no ponto de vista biológico. "Precisamos alertar as pessoas que não assumam a postura que tudo está maravilhoso, só porque está verde. É uma obrigação moral preservar o restante do que sobrou da mata atlântica. Ainda existem lideranças políticas atrasadas que defendem a liberação do corte de araucária, por exemplo, espécie que tem apenas 0,8% do remanescente natural em Santa Catarina", observa.

Garapuvu, a árvore símbolo

■ O tempo de vida de uma árvore pode estar relacionado à condição do local. Íngreme, com pouco vento, muito material orgânico e água corrente. Essas foram algumas das características apresentadas pelo chefe do Depuc da Floram, Mauro Manoel da Costa, em relação a um garapuvu, também com mais de um metro de diâmetro e três metros de circunferência. A espécie é a árvore símbolo de Florianópolis.

"Esse garapuvu está em uma estrutura e condição ótimas e, por isso, chegou a 35 metros de altura. Apesar de ser uma árvore de ciclo de vida curto, tem mais de cem anos por causa da localização. Toda árvore que nasce aqui permite o desenvolvimento máximo. Elas têm desenvolvimento diferentes no meio urbano ou em florestas", explica. O biólogo João de Deus Medeiros observa que, mesmo em condição ideal, esse garapuvu está na fase final do seu ciclo.

Mauro da Costa e o garapuvu centenário, no Parque da Lagoa do Peri



Leia mais no NDOnline

Diário Catarinense e A Notícia
Reportagem Especial
 "Estado dos sem candidatos"

Estado dos sem candidatos / SC / Pesquisa Ibope / Eleição / Campanha / Santa Catarina / Tiago Borges / Professor / Departamento de Sociologia e Ciência Política / UFSC / Jean Gabriel Castro da Costa

SÁBADO E DOMINGO, 1º E 2 DE SETEMBRO DE 2018 6

REPORTAGEM ESPECIAL

ESTADO DOS SEM CANDIDATOS

HÁ POUCO MAIS de um mês das eleições, 57% do eleitorado de SC está indeciso, pretende anular ou votar em branco em outubro. Percentual é o maior dos últimos 12 anos



LARISSA NEUMANN
 larissa.neumann@somosnsc.com.br

Mesmo com nove meses à disposição, três em cada 10 eleitores catarinenses sentem que estão sem alguém para representar no comando do Estado pelos próximos quatro anos e devem votar em branco ou anular o voto quando forem às urnas em outubro deste ano. Os indecisos engrossam o coro dos sem candidato e representam mais da metade (57%) do eleitorado catarinense avaliado, o maior índice nos últimos 12 anos e o mais expressivo do país, conforme dados da primeira pesquisa Ibope de intenção de voto desta eleição.

Cientistas políticos se dividem quando a questão é o poder de reversão desse cenário, mesmo que a curto prazo, tendo em vista o início do horário eleitoral gratuito nas rádios e na televisão desde sexta-feira. Eles apontam justamente o atraso no início da campanha na televisão, um foco maior na disputa presidencial e ainda o sentimento de indiferença sobre o poder do voto como possíveis causas do descrédito do eleitor na classe política.

Não seria uma falta de interesse pelo voto em si, mas mais uma dificuldade em ter contato com a disputa eleitoral estadual. É possível que daqui a uma, duas semanas isso já esteja alterado. Esse índice para Santa Catarina é razoável. É maior que o visto no Rio e em São Paulo, mas nesses Estados os candidatos são figuras que aparecem na mídia nacional o tempo inteiro, diferentemente daqui – pondera Tiago Borges, doutor pela Universidade de São Paulo e professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC.

Já o doutor em Ciência Política e

também professor da UFSC, Jean Gabriel Castro da Costa, analisa que, especialmente em Santa Catarina, o aumento da chamada alienação eleitoral (soma de abstenções, votos brancos e nulos) surge logo após o fim da chamada triplíce aliança, costurada por Luiz Henrique da Silveira (PMDB) na reeleição de 2006 e que gerou frutos até hoje.

FALTA TEMPO PARA FORMAR UMA OPINIÃO, AVALIA ESPECIALISTA

Para Costa, o fim dessa aliança aumentou a incerteza sobre candidatos e candidaturas ao governo do Estado, que foram definidas na última hora, não dando tempo para que os eleitores formassem opinião.

O aumento da alienação eleitoral se explica quando os cidadãos se abstêm porque sentem que suas vidas caminham mais ou menos bem e não percebem a influência negativa ou positiva do governo nessa situação. Por indiferença, deixam de votar. Um fator importante para determinar a taxa de alienação eleitoral é a expectativa que o eleitor tem de que seu voto fará alguma diferença no resultado da eleição e a crença de que na eleição em questão existe, efetivamente, algo relevante em jogo – exemplifica.

O professor ainda pondera que é difícil alcançar uma taxa de comparecimento eleitoral de 100%, com cidadãos escolhendo de fato algum candidato em vez de anular ou votar em branco. Para o especialista, o avanço desses índices passa por melhorias na educação, estimulando o engajamento cívico e o conhecimento sobre política, e depende da oferta de candidaturas melhores, que levem em conta preferências, valores e demandas dos eleitores.

PESQUISAS COMPARADAS

Índice de indecisos e votos brancos e nulos nas primeiras pesquisas do período eleitoral (em %)



ENTENDA

Os votos brancos ou nulos não são considerados votos válidos e, por isso, também não têm o poder de anular uma eleição. Na prática as duas modalidades têm a mesma função, o que difere uma da outra é a forma de invalidar.

VOTO EM BRANCO

É quando o eleitor não quer votar em nenhum candidato e, ao mesmo tempo, não quer anular seu voto. Para votar em branco é necessário apertar a tecla específica que existe nas urnas eletrônicas.

VOTO NULO

O voto nulo ocorre quando o eleitor insere um número que não pertence a nenhum candidato ou partido político, podendo ser um erro intencional ou não.

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina (TRE-SC)

DESCRENÇA TENDE A AUMENTAR

Doutor em Ciência Política pela Universidade da Flórida e professor emérito da Universidade de Brasília, David Verge Fleischer lembra que o ato de se abster do processo eleitoral também foi nas eleições para presidente da França em 2017. O pleito, vencido por Emmanuel Macron, teve a menor adesão dos últimos 60 anos.

Fleischer avalia que no Brasil a descrença na política e nas eleições tende a crescer sem mobilização dos candidatos:

– Esta é a primeira vez que a coisa é tão generalizada, e o eleitorado só reflete essa piora. O eleitor médio, que não tem muito discernimento, segue orientações de amigos, vizinhos, colegas de trabalho e até da religião. São raros os que realmente vão pesquisar quem tem ficha limpa e propostas interessantes. Uma melhora nesse cenário, que varia de Estado para Estado, vai depender de como os candidatos vão encarar isso e como vão tentar reduzir esses índices.

FICHA TÉCNICA DAS PESQUISAS

2018
 Feita de 14 a 16 de agosto, com 812 eleitores, margem máxima de erro de três pontos percentuais e nível de confiança de 95%. Solicitante: NSC Comunicação. Registros no TRE-SC (SC-09381/2018) e TSE (BR-09360/2018).

2014
 De 21 a 23 de setembro de 2014, com 1.008 eleitores, margem de erro de três pontos percentuais, nível de confiança de 95%. Solicitante: Grupo RBS. Registros no TRE (SC00027/2014) e TSE (BR00765/2014).

2010
 De 3 a 5 de agosto de 2010, com 812 eleitores e margem de erro de três pontos percentuais. Solicitante: Grupo RBS. Registros no TSE (21923/2010) e no TRE (4497/2010).

2006
 De 10 e 12 de julho, com 1.008 eleitores e margem de erro de três pontos percentuais. Solicitante: RBS TV Florianópolis SA. Registro no TRE (11838/2006).



ANÁLISE DE ESPECIALISTAS

Um fator importante para determinar a taxa de alienação eleitoral é a expectativa que o eleitor tem de que seu voto fará alguma diferença no resultado da eleição.

JEAN GABRIEL CASTRO DA COSTA

Doutor em Ciência Política e professor da UFSC

Esta é a primeira vez que a coisa é tão generalizada, e o eleitorado só reflete essa piora.

DAVID VERGE FLEISCHER

Doutor em Ciência Política e professor emérito da UnB

Temos uma indefinição nacional tão grande que pode estar contaminando também a decisão local do eleitor.

TIAGO BORGES

Doutor pela USP e professor de Sociologia e Ciência Política da UFSC

CENÁRIO NACIONAL ESTÁ UM POUCO MAIS DEFINIDO

Doutor e professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, Jean Gabriel Castro da Costa, explica que historicamente eleições presidenciais e até de prefeitos tendem a atrair mais atenção do eleitorado do que as disputas estaduais. Esse comportamento é evidenciado na primeira pesquisa Ibope de intenção de voto em Santa Catarina.

Levando em consideração a disputa com e sem a candidatura do ex-presidente Lula, o índice de catarinenses que pretendem anular ou votar em branco varia de 15% a 18%. Já o de indecisos, que fica entre 8% e 12%, é menor que o de 2014, quando 16% dos eleitores ainda não tinham candidato definido na data da primeira pesquisa, em julho.

— A eleição presidencial é sobre o cargo de maior importância, que recebe mais atenção da grande mídia, provocando também mais debates sobre temas nacionais e, eventualmente, polêmicos. E polêmica atrai mais atenção. Já as eleições para o governo estadual são as mais abstratas aos olhos de muitos eleitores, que têm dificuldades até mesmo para identificar quais são exatamente as atribuições de um governador — pondera o especialista.

O professor da UFSC Tiago Borges reforça que esses são os percentuais apurados antes do início do horário eleitoral. Além disso, analisa o especialista, outro ponto que pode justificar esses casos, nos quais o eleitor ainda não se sentiu representado a ponto de escolher em quem votar, é o fato de a disputa presidencial viver um momento de indefinição:

— Estamos pensando muito na eleição nacional. As candidaturas demoraram para ficar definidas, foram estabelecidas nos últimos dias e ainda tem a candidatura do Lula. Temos uma indefinição nacional tão grande que pode estar contaminando também a decisão local do eleitor. Nacionalmente, a disputa eleitoral ainda está incerta e isso causa um efeito cascata.

ESTRATÉGIAS PARA CONVENCER O ELEITOR

A reportagem consultou os coordenadores de campanha dos candidatos dos seis partidos com representação na Câmara dos Deputados sobre os planos para obter o voto dos indecisos nestas eleições:



CARLOS MOISÉS (PSL)

Por **Laercio Menegaz Júnior**, um dos coordenadores da campanha

“O Congresso Nacional aprovou um fundo eleitoral de R\$ 1,7 bilhão para custear campanhas e ainda prestigia com tempo de TV os partidos maiores. Temos um projeto nacional e o nosso candidato a presidente Bolsonaro não usará seu fundo eleitoral. Em SC, o PSL também seguirá à risca. A corrupção precisa ser combatida e votos nulos não geram mudança. Nossa estratégia é levar a “caravana do Bolsonaro” com candidatos a senador e a governador em 20 municípios em todas as regiões do Estado. E através de redes sociais mostraremos que, além de defender as bandeiras de família, segurança e todas as outras que Bolsonaro defende, entrevistas e debates mostrarão a qualidade de nossos candidatos. A chance de mudar o país está nas nossas mãos”.



DÉCIO LIMA (PT)

Por **Cedenir Alberto Simon**, coordenador da campanha

“O diagnóstico que a gente faz é de que foi feito um longo processo para criminalizar a política no Brasil. E esse processo é que tem gerado o crescente número de eleitores que não querem votar, o não voto, como é chamado no meio comum. Então, de fato, isso vem crescendo nos últimos anos. Certamente não será em uma eleição somente, ou com uma ação eleitoral, que vai ser revertido esse descrédito da população com a política. É um processo que cabe a todo mundo, aos setores atuantes na sociedade. De nossa parte, o que apresentamos ao eleitor é a possibilidade de ter um governo diferente do que teve até hoje em nosso Estado e esperamos que isso sensibilize quem vai votar. Não existe mágica. É preciso repensar a forma que está sendo tratada a política”.



GELSON MERISIO (PSD)

Por **Rodrigo Moratelli**, coordenador da campanha

“Essa primeira pesquisa não retrata a realidade do voto em SC. Temos candidatos novos, conhecidos em suas regiões: o Merisio é muito conhecido no Oeste, o Mariani na região Norte e o que apareceu nas pesquisas inicialmente, já foi candidato em eleições passadas, tem um nome mais fixado na cabeça do eleitor. Ainda não temos a campanha eleitoral nos veículos de comunicação. Mesmo com todo o corpo a corpo sendo feito, você ainda não chega no seio do cidadão. Toda a nossa estratégia de marketing e comunicação visa ter uma percepção do eleitor para o momento das campanhas veiculadas em televisão e rádio. A gente espera que a pesquisa, a partir do dia 10 de setembro, após o feriado, comece a dar o norte que vai balizar o que está sendo feito”.



JESSÉ PEREIRA (PATRIOTA)

Por **Ailson Barroso Oliveira**, presidente estadual do Patriota

“O Patriota já tem uma estratégia e o principal objetivo é oferecer a opção de renovação. Ou seja, a sociedade, os eleitores não acreditam mais (na política) por que os candidatos são sempre os mesmos, políticos de carreira. Mas os candidatos que nós estamos oferecendo aqui para a população catarinense é sangue novo na política. Esta estratégia que adotamos a gente acredita que vai reverter os votos brancos e nulos. A estratégia do Patriota é oferecer candidatos novos. Nós oferecemos o Jessé Pereira como uma esperança, uma pessoa que realmente vem oferecer renovação e mudança”.



LEONEL CAMASÃO (PSOL)

Por **Miriam Matos**, presidente estadual do PSOL

A presidente estadual do partido, Miriam Matos, se manifestou por meio de uma nota encaminhada para a reportagem pela assessoria de imprensa do candidato Leonel Camasão. No texto, ela diz que a “estratégia é apontar para as pessoas que a saída é na política, que é preciso conhecer melhor seus candidatos e o PSOL está construindo um caminho para gente”. Ressalta ainda que o partido está ampliando a “campanha em nível estadual, buscando apresentar nossas candidaturas e suas propostas”.



MAURO MARIANI (MDB)

Por **Tufi Michereff**, coordenador da campanha

“É o retrato do país. Devido a tudo o que acontece em nível nacional, as pessoas estão receosas com relação ao processo eleitoral e num momento em que temos candidaturas que passam pela renovação da política catarinense. Quando a gente apresenta um nome novo, também é natural esse processo. Nossos candidatos são lideranças regionais que precisam ser atualizadas e têm todo um momento de entrar. Agora, as pessoas vão passar a conhecer os novos nomes colocados à disposição do eleitor. Nosso trabalho é, justamente, a partir dos programas eleitorais, das mobilizações que estamos fazendo nas regiões, caminhadas, contato com lideranças, estadualizar e torná-los conhecidos e, principalmente, mostrar o potencial das nossas propostas”.

Notícias do Dia Memória "Fachadas históricas da cidade"

Fachadas históricas da cidade / Professor aposentado / UFSC / Florianópolis / Milton Muniz / Patrimônio histórico / Exposição / Hall da Reitoria / Universidade Federal de Santa Catarina / Abandono IV / Fotografias / Centro de Cultura e Eventos Reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Museu de Arqueologia e Etnologia / Fotos / Departamento de Biologia / Doutorado em Engenharia de Produção

14. Memória

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 1 E 2 DE SETEMBRO DE 2018

Editor: DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasdodia.com.br

Fachadas históricas da cidade

Professor aposentado da UFSC fotografa edificações para despertar o olhar ao patrimônio

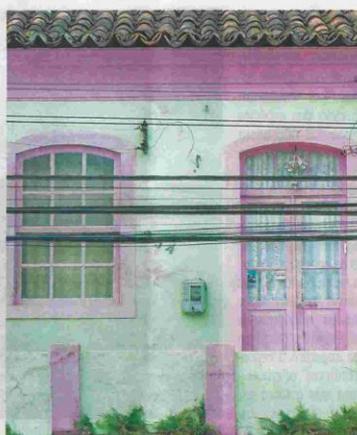
CARLOS DAMIÃO
carlos.damiao@gmail.com

Com uma câmera na mão e um intenso amor por Florianópolis, o professor aposentado Milton Muniz dedicou três anos de sua vida (entre 2013 e 2016) a clicar aspectos do patrimônio histórico da cidade, em especial as fachadas das edificações, com a ideia geral de retratar o estado físico dos imóveis. O resultado vem sendo apresentado ao público desde junho em exposições específicas, como a que foi aberta no dia 28 de agosto no hall da Reitoria da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), onde o professor trabalhou desde a década de 1970 até se aposentar.

A exposição na UFSC tem o nome de "Abandono IV" e contém cerca de 50 fotografias que formam "recortes" da cidade histórica, mostrando imóveis não necessariamente depredados, mas que têm alguma relevância estética ou arquitetônica. A intenção, segundo Milton Muniz, é abrir a discussão sobre o que fazer: em alguns casos, restaurar para preservar, em outros, conforme o caso, a demolição pura e simples. Como o nome indica, "Abandono IV" é a quarta mostra do material registrado – outras duas exposições já foram realizadas, na Assembleia Legislativa e no Centro de Cultura e Eventos Reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo, no campus da UFSC. A terceira mostra, no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC, fica aberta ao público até 28 de setembro.

Propositalmente, as fotos não têm legenda de identificação, apenas a indicação do endereço, com o objetivo de provocar uma visita do público às ruas da cidade, num exercício de "olhar com atenção para as fachadas das edificações históricas", comenta o professor.

Algumas das casas fotografadas podem já ter sido demolidas, informa Muniz, que é fotógrafo amador e estudioso da fotografia. "Essa foi uma maneira de homenagear a cidade que me acolheu há 41 anos (a se completarem em 1 de outubro deste ano)", diz. ●



Imóvel localizado na avenida Mauro Ramos, próximo ao Instituto Estadual de Educação



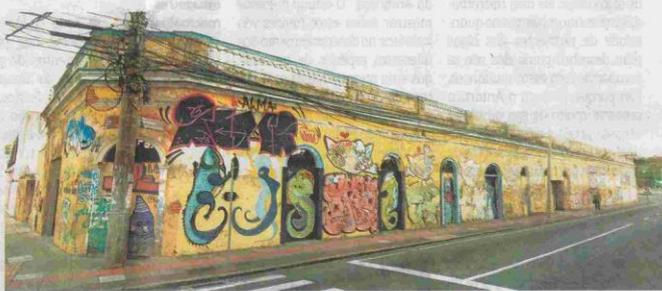
Casas geminadas preservadas na Rua Hermann Blumenau

O QUÊ: Exposição Fotográfica "Abandono IV", fotos de fachadas de edificações de Florianópolis, de autoria de Milton Muniz, professor aposentado da UFSC

ONDE: Hall da Reitoria da UFSC, Trindade, Campus da UFSC Florianópolis (SC)

QUANDO: até 13/9, no horário de funcionamento da Reitoria (8 às 18h)

QUANTO: Gratuito



Rua Padre Roma, paredes de edificação que integrou o conjunto arquitetônico do porto de Florianópolis

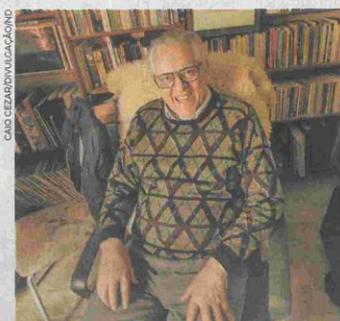
Uma homenagem à cidade

Milton Muniz nasceu em 1939 na fazenda Pouso Alto, Distrito Patrimônio de São Jerônimo, município de Itulubata, hoje Gurinhatã (MG). Em 1971 formou-se em história natural na Universidade Católica de Goiás e concluiu o mestrado em 1978, no Departamento de Genética da Universidade Federal do Paraná. Em 1977, ingressou na Universidade Federal de Santa Catarina como professor de genética no Departamento de Biologia. Concluiu doutorado em engenharia de produção na UFSC, em 2006, e se aposentou em julho de 2009. "Tenho muito viva na memória a imagem de Florianópolis, quan-

do aqui cheguei, em 1977. Era uma cidade muito diferente. Em quatro décadas perdi muitas referências arquitetônicas e históricas. Este recorte que apresento nas fotos valoriza fachadas de edificações que resistiram ao tempo e às mudanças urbanas", constata. "Tenho a preocupação de dar minha despreziosa contribuição à discussão de como preservar, conservar ou demolir o casario antigo, histórico ou não, dando significado à sua existência, se houver".

O professor analisa, a propósito de suas andanças pela cidade: "Observando as fachadas do casario verifica-se uma sobreposi-

ção de estilos, de tempo, de poder econômico representando variáveis culturais". Acrescenta em seu depoimento sobre o trabalho: "Não é fácil analisar essas variáveis pela simples observação: é necessário isolar cada fachada do seu entorno, avaliando valores intrínsecos e extrínsecos, histórico, estético e de relevância cultural. Em algumas ruas, essas casas formam conjuntos contínuos de fácil observação e caracterização, em outras, elas são unidades circundadas por prédios modernos o que torna imperceptível sua presença pela imposição do porte e do desenho".



Mineiro, Milton Muniz chegou a Florianópolis há 41 anos para lecionar na UFSC: "Minha exposição é uma homenagem à cidade que me acolheu"

FOTOS: MILTON MUNIZ/ARQUIVOCADRON

Notícias do Dia Geral "Novas pesquisas na Antártica"

Novas pesquisas na Antártica / UFSC / Expedição / Macroalgas / Eduardo de Oliveira Bastos / Doutorando / Biotecnologia e Biociências / Universidade Federal de Santa Catarina / Operantar 36 / Operação Antártica Brasileira / Operantar 37 / Continente Antártico / Antártica / Algas marinhas / Proantar Brasil / Pio Colepicolo / Instituto de Química / USP / Paulo Antunes Horta / Departamento de Botânica / Marinha do Brasil

Novas pesquisas na Antártica

Pela segunda vez, pesquisador da UFSC integrará equipe brasileira em expedição de 32 dias

ANDRÉA DA LUZ
andrea.luz@noticiasodia.com.br

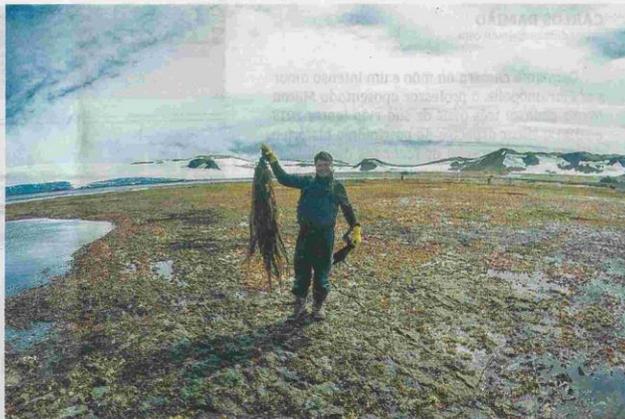
Identificar as espécies de macroalgas do continente Antártico, mapear sua distribuição geográfica e investigar o potencial biológico são os objetivos principais do pesquisador Eduardo de Oliveira Bastos, 34 anos. Doutorando em biotecnologia e biociências da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e fotógrafo de natureza, Bastos participou da Operantar 36 (Operação Antártica Brasileira) no começo deste ano, fazendo pesquisa durante dez dias em um acampamento na ilha Snow Island. Agora, se prepara para a segunda expedição (Operantar 37) em um novo acampamento na mesma ilha, que vai durar 32 dias, entre novembro e dezembro de 2018.

Na próxima visita ao continente antártico, Bastos estudará as algas vivas. Ele fará micromodificações no ambiente e na quantidade de nutrientes das algas para descobrir como elas vão se comportar com essas mudanças. Isso porque, embora a Antártica preserve muito de seu ambiente original, já não é mais intacto. "Fiquei surpreso e decepcionado de encontrar garrafas pet, boias de

navios e outros resíduos por lá", disse o pesquisador.

Bastos também se mostra preocupado com os esgotos jogados no mar, por causarem alterações no ciclo das espécies da fauna e flora. "Já não basta retirar os coliformes fecais dos efluentes. Há estudos que mostram resíduos de fármacos e de hormônios femininos - os quais são eliminados pela urina e vão parar nos esgotos - que podem alterar o ciclo de reprodução dos peixes, pois os resíduos das pílulas anticoncepcionais podem fazer com que todos os indivíduos de determinadas espécies troquem de sexo, o que impedirá a reprodução desses animais", afirmou.

Ele explicou que a nova expedição permitirá avaliar os impactos do aumento da poluição e da temperatura e a acidificação dos oceanos, por exemplo, no crescimento das algas marinhas da Antártica. "O estudo pretende mostrar como esses fatores vão interferir no desenvolvimento das diferentes espécies de macroalgas e na quantidade de compostos químicos que eles produzem. Quais espécies não resistirão ao aumento do efeito estufa e quais se desenvolverão melhor em águas mais poluídas", disse. ●



Na primeira expedição, Eduardo Bastos estudou as macroalgas

Suporte da Marinha do Brasil

■ Toda a logística da operação e transporte dos pesquisadores e seus instrumentos de pesquisa é feita pela Marinha do Brasil. Segundo Eduardo de Oliveira Bastos, meses antes da expedição, o grupo que irá ao campo pela primeira vez é levado ao Rio de Janeiro, onde recebe treinamento especial para o acampamento. São realizadas palestras e provas de resistência física, além de simulações de situações de risco.

Isso é necessário para enfrentar temperaturas que oscilam entre -2°C e 3°C (no verão) e ventos constantes de até 40 km/h, com rajadas que podem chegar a 70 km/h. Vento, neblina, chuva e neve atrapalham os trabalhos e podem mudar de um momento para outro, sem aviso, por isso as previsões meteorológicas não ajudam muito. Por fim, há que se acostumar a 20 horas de sol forte

e apenas quatro de penumbra, entre meia-noite e 4h.

Um alpinista experiente acompanha o grupo, para orientar nas situações de risco, exploração do terreno, montagem de barracas e sobrevivência em ambientes hostis. Todo o suprimento também é fornecido pela Marinha, desde a comida pronta e congelada até as roupas especiais, barracas e equipamentos de comunicação com a base que fica no navio. "Usamos três camadas de roupas - uma para aquecer, outra para manter a temperatura e a última para cortar o vento, além de muitas vezes precisar de três luvas, gorros e proteção no rosto para evitar queimaduras de sol", contou o pesquisador. "É uma experiência diferente, entretanto temos soluções tecnológicas para driblar este problema. O uso do lenço [umedecido] é fundamental", disse.

Projeto caro e de logística difícil

■ A pesquisa de Eduardo de Oliveira Bastos faz parte do projeto Macroalgas Antárticas Proantar Brasil, que está dentro de um grupo maior de investigação científica em várias partes do Brasil, coordenado pelo professor Pio Colepicolo, do Instituto de Química da USP (Universidade de São Paulo), abrangendo diversas áreas do conhecimento, como biologia, geologia, paleontologia, química, etc. Há grupos pesquisando bactérias, fungos, aves e fósseis. Em Florianópolis, o projeto é coordenado pelo orientador de Bastos, o professor Paulo Antunes Horta, do Departamento de Botânica da UFSC.

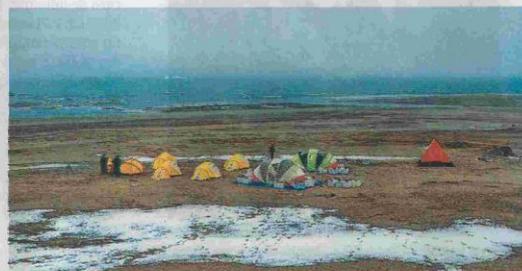
Projetos dessa magnitude, que são muito caros e de logística difícil, permitem mapear e registrar novas espécies e identificar compostos que podem



Eduardo voltará ao continente antártico em novembro

posteriormente serem decifrados pela engenharia genética e sintetizados em laboratório para tratar várias doenças. "Há muitos anos não se descobre um novo antibiótico", citou Eduardo de Oliveira Bastos. "Por isso, precisamos conhecer o que tem lá para podermos preservar, antes que tudo se perca".

Base da expedição brasileira durante a Operantar 36



ARQUIVO PESSOAL/NO

ARQUIVO PESSOAL/NO

Diário Catarinense e A Notícia Caderno Nós

“O que os livros não revelam”

O que os livros não revelam / Imigrantes / Espanha / Alemães / Santa Catarina / Segunda Guerra Mundial / Arquivo Geral da Administração da Espanha / Alcalá de Henares / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Brasil / Francisco Franco / Getúlio Vargas / Nazismo / João Klug / Projeto História Repatriada / Suíça / Campo de Concentração / Elda Gonzales Martinez / Manoel Teixeira dos Santos / Departamento de História / Primeira Guerra Mundial / Adolf Hitler / Alemanha / Partido Nazista / Memórias de uma (outra) guerra / Marlene de Fáveri / Nereu Ramos / DOPS / Sueli Petry / Suástica / Max Müller / Judeus / Instituto Carl Hoepcke / Manicômio Oscar Schneider



O QUE OS LIVROS NÃO REVELAM

Documentos em exposição no Estado mostram uma ligação muito mais intensa do que os registros apontam entre a Espanha e os alemães que viviam em SC, o que coloca em xeque a histórica neutralidade espanhola

DAGMARA SPAUTZ
dagmara.spautz@comosnsc.com.br

Quarenta mil documentos, encaixotados e esquecidos por mais de 70 anos no Arquivo Geral da Administração da Espanha, na cidade de Alcalá de Henares, trazem agora à luz detalhes sobre um período, senão obscuro, pouco conhecido da história brasileira e dos alemães em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tiveram acesso ao arquivo, analisam recibos, correspondências e recortes de jornais cuidadosamente guardados, mas nunca antes catalogados, que detalham as relações da diplomacia espanhola com os alemães no Brasil – e colocam em xeque a já questionada neutralidade da Espanha durante o conflito.

Governada pelo general Francisco Franco, um ditador com inclinações fascistas, e recém saída de uma violenta guerra civil, a neutralidade parece ter sido uma escolha econômica e estratégica para a Espanha. A história, no entanto, aponta para um papel dúbio, em que o país se posiciona de um lado ou outro do conflito em diferentes momentos. Ao menos no Brasil, longe dos holofotes da guerra, a papelada mostra que a Espanha assumiu apoio e suporte ao Reich alemão.

Os documentos datam do período entre 1942 e 1945, época em que os espanhóis responderam oficialmente pelos interesses diplomáticos da Alemanha no Brasil. Getúlio Vargas havia colocado o país em guerra contra o Eixo – Alemanha, Japão e Itália –, em apoio aos Aliados. Os países, agora inimigos, tiveram seus diplomatas

expulsos. E os imigrantes, do dia para a noite, passaram a ser inimigos em potencial.

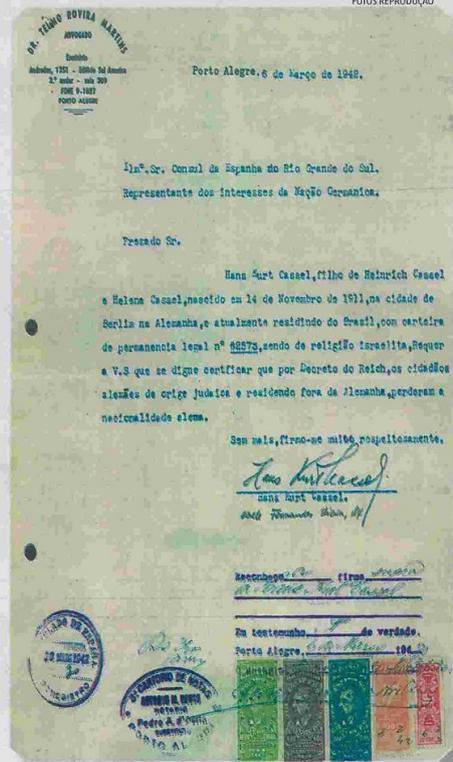
– Ser alemão, naquele momento, colocava o indivíduo sob os holofotes. Era ser nazista, embora muitos, se questionados, não tivessem a menor ideia do que era o nazismo – diz o historiador João Klug, pesquisador da UFSC e um dos coordenadores do projeto História Repatriada, que resgata a história do conflito pelas lentes da documentação espanhola.

REGISTROS DO APOIO NÃO EXISTIAM ATÉ AGORA

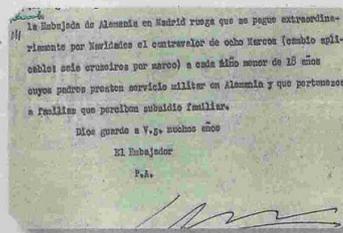
Era de praxe que um país declaradamente neutro representasse os interesses de imigrantes de países envolvidos na guerra. Portugal, por exemplo, passou a atender os brasileiros que viviam na Alemanha. A Suíça assumiu os interesses dos italianos no Brasil, e a Espanha passou a responder pela diplomacia alemã e japonesa. É o que conta a história. O que não se sabia, até então, é que o papel dos espanhóis foi muito além.

As nações neutras cabia cuidar de questões burocráticas e da emissão de passaportes para os cidadãos dos países em guerra. Mas os alemães que estavam no Brasil também contavam com a Espanha para o acompanhamento dos presos políticos, considerados partidários do nazismo, e para diversos tipos de auxílio financeiro – desde o pagamento de aluguéis e ajuda na alimentação das famílias dos detentos, até pensões de ex-combatentes alemães da 1ª Guerra Mundial que viviam no país. Estranhamente, esse tipo de apoio até então não tinha registro na historiografia oficial brasileira ou espanhola.

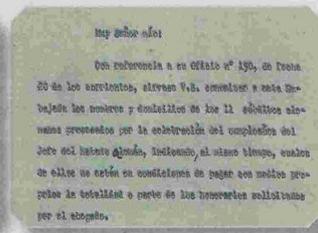
FOTOS REPRODUÇÃO



Judeu pede que a Espanha declare que ele perdeu a nacionalidade alemã, para que possa pedir cidadania brasileira



A Embaixada espanhola avisa o consulado de Porto Alegre que, por ordem do Ministério de Relações Exteriores da Espanha, serão pagos oito marcos (o equivalente a 48 cruzeiros) a todos os menores de 18 anos cujos pais prestaram serviço militar na Alemanha, como subsídio à família



A Embaixada espanhola solicita os nomes de 11 imigrantes, que foram processados por celebrarem o aniversário de Hitler, e quer que o consulado responda se eles têm condições financeiras para pagar advogado

NEUTRALIDADE (SUBS. FEM.)

1. Qualidade ou estado de neutral (Que não toma partido nem a favor nem contra, numa discussão, contenda).

nenhuma intervenção tivessem na infração cometida e, sobretudo, seja evitado que a falta de um exercício conveniente e o ajuntamento prolongado dos internados em lugares que, como prisioneiros, não possuem as condições necessárias para a época de internados anteriores, venham a originar alguma epidemia de doenças contagiosas insalubres, sendo ademais em conta que, segundo minhas notícias, se verificaram alguns casos de gripe na cidade de Florianópolis.

Por todo o exposto rogo a V. S. que conceda a vinda ao regime anterior, se for possível, ou pelo menos que permita a saída dos brasileiros nos internados nas horas necessárias para a manutenção da sua saúde, limpeza dos lugares, acesso pessoal aos banhos, etc.

An mesmo tempo rogo-lhe assistir com benevolência e atenção a situação dos internados próximos aos 50 anos de idade para que lhes seja concedido, se possível, um tratamento mais favorável.

Confiado em que V. S. há de examinar a meu pedido com o ânimo mais favorável rogo-lhe aceite a segurança de minha mais distinta consideração e apreço.

FOTOS REPRODUÇÃO

O cônsul Federico Gabaldón escreve ao delegado do DOPS, Lara Ribas, alertando para o risco de uma epidemia no campo de concentração da Trindade, em Florianópolis

PERÍODO SOMBRIO

A pesquisadora argentina Elda Gonzalez Martinez, que integra o Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) da Espanha, foi a primeira a ter acesso aos documentos, encaixotados desde a época da ditadura espanhola do general Franco. Em 2015, durante um congresso sobre imigração na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, ela comentou sobre o achado, que instigou pesquisadores gaúchos e catarinenses. Coube a Manoel Teixeira dos Santos, pesquisador da UFSC, viajar à Espanha para avaliar de perto a documentação.

Foram três meses mergulhado entre as caixas, separando e digitalizando documentos em meio ao rigoroso sistema de identificação de pesquisadores no arquivo espanhol. Parte dos papéis escolhidos voltou com ele ao Brasil. Outros ainda têm chegado periodicamente da Espanha pelos Correios, já digitalizados e reunidos em CDs. A papelada digital passa pela análise e seleção de alunos de graduação e mestrado do Departamento de História da UFSC.

São documentos oficiais e cartas escritas à mão, em português, espanhol e alemão que, entre pedidos de ajuda e comprovantes

de auxílio financeiro, retratam as dificuldades que os imigrantes enfrentaram durante os anos em que o Brasil esteve declaradamente em guerra contra o Eixo. Era um período sombrio.

A política do governo Vargas durante o Estado Novo, a partir de 1937, já adotava medidas nacionalistas que incluíam a repressão às comunidades de imigrantes. Os alemães formavam grupos fechados onde mantinham vivo o idioma e os costumes da pátria-mãe, o que não combinava com o esforço do governo de "abrasileirar" o país.

Do lado dos imigrantes, era em parte uma maneira de manter a "germanidade" em solo brasileiro. Mas era também a vida possível, diante da falta de políticas públicas. Nesse período, escolas e circulação de jornais em alemão foram proibidos – o que se agravou com a guerra.

– Desde 1857 os imigrantes reivindicavam escolas para ensinar aos filhos a língua portuguesa, mas o governo se omitiu. Eles passaram então a criar as próprias escolas, em alemão. Nesse período (do Estado Novo), o governo fechou de uma só vez mais de 200 escolas alemãs. O Estado, que era ausente, passa a estar presente, mas de forma truculenta – avalia Klug.

Porto Alegre, 26 de diciembre de 1944

Mía. 193.

Muy Señor mío:

La Embajada se complace por la proximidad con Itamarati que en ocasión de las Fiestas de Navidad realizar personalmente o por medio de un Delegado una visita extraordinaria al Establecimiento "Oscar Schneider" para llevar felicitaciones de Pascuas a los detenidos y entregar a cada uno como regalo del Reich la suma de 30 cruzeiros.

En esta visita uno de los detenidos será Icterus, en esta vez de la siguiente felicitación del Gobierno alemán, cuyo texto ha sido aprobado por el Ministerio de Relaciones Exteriores del Brasil:

"La Patria transmite a todos los hombres, mujeres y niños alemanes sus saludos más expresivos para Navidad y Año Nuevo no olvidando nunca su siempre demostrada lealtad."

Como por las muchas comisiones que sobre mí pesan, especialmente al final del año, no se puede realizar personalmente la visita, rogo a V. S. que solicite del Secretario de Seguridad autorización para que la realice por delegación mía el funcionario de esta Comandancia designado en San Francisco Don José Masati Novas.

Le ruego que realice la gestión con la mayor urgencia y me comunique telegráficamente el resultado.

Mios guarda a V. S. muchos años.

El Cónsul

Federico Gabaldón

Señor Encargado del Viceconsulado de España en FLORIANÓPOLIS

Gabaldón avisa o vice-consulado da Espanha em Florianópolis, que deve emitir as felicitações de Natal aos prisioneiros do "campo de concentração" Oscar Schneider, em Joinville, e entregar a cada um deles 30 cruzeiros, em nome do Reich

Muy Señor mío:

Con referencia en último término al segundo párrafo de su Despacho nú 214 de 25 de septiembre último a requerimiento de la Embajada rogo a V. S. procure averiguar si la seguridad durante el proceso iniciado en motivo de la reunión que tuvo lugar en el Campo "Trindade" para celebrar el aniversario del Führer y, caso afirmativo, qué detenciones están implicadas y si dicho proceso ha sido elevado al Tribunal de Seguridad Nacional.

Pedido do cônsul para que o vice-consulado, em Florianópolis, informe se foi dada seqüência a um processo pela comemoração do aniversário de Hitler dentro do campo de concentração da Trindade, na Capital

esta sin selo: Per "pago" meqto" deve pedir a V. S. de considero como recibí Edith Gaertner provisiono esta carta. Tem pronto posible un pago los tres en girotes. - Blumenau, 27 de Feb.

Bilhete de Edith Gaertner cobrando o pagamento do aluguel pelo prédio da embaixada alemã em Blumenau

Requisição investigatória.

Esta es una lista de nombres alemanes que se encuentran en la lista de detenidos, algunos de ellos son alemanes, algunos son de otros países, pero todos son alemanes, y se encuentran en el campo de concentración de Trindade, en Florianópolis, Santa Catarina.

Esta lista es para que se investigue si alguno de ellos es el autor de un delito que se está investigando.

Seu pago son causa de valor nominal durante 11 dias, alguma quantidade de balneario sem possibilidade de moedas. Esta carta de cobrança, se manda, mas era permitida de deixar quando teve de ir para um superior.

Preso relata as condições da cela e diz não saber por que foi detido

MUNDO

Como o cenário mundial pós-Primeira Guerra Mundial abriu espaço para a ascensão de Adolf Hitler, e as consequências da criação do Partido Nazista para toda a humanidade

- A Alemanha estava mergulhada numa grave crise após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) quando, em 1933, Adolf Hitler, um militar de baixa patente à frente do Partido Nazista, é nomeado chanceler do Reich. Em pouco tempo, ele se garantiu plenos poderes, proibindo grupos políticos – em especial o Partido Social Democrata e o Partido Comunista. Hitler culpa os comunistas por um incêndio no prédio do parlamento, o Reichstag, e consegue apoio popular para leis que revogaram direitos fundamentais, acabaram com a liberdade de imprensa e desmantelaram os sindicatos, onde estavam os principais movimentos contrários ao nazismo.
- Em 1935, Hitler ignora os termos do Tratado de Versalhes, que limitava os investimentos militares da Alemanha. Internamente, a economia volta a crescer e o desenvolvimento alimenta o apoio às ideias de supremacia do fûhrer.
- Em 1936, a Guerra Civil Espanhola leva à aproximação entre Alemanha e Itália, que apoiaram o general Francisco Franco. É criado o eixo Roma-Berlim, que um ano depois passaria a ter o reforço do Japão – a "tríplice aliança".
- Hitler já havia anexado a Áustria e os Sudetos à Alemanha e desmembrado a Tchecoslováquia quando, em setembro de 1939, ordenou a invasão à Polônia. Dias depois, Reino Unido e França declaram guerra à Alemanha e tem início a Segunda Guerra Mundial.
- O rumo da guerra começa a ser selado em 1943, quando os nazistas perdem a batalha de Stalingrado, na União Soviética, e são expulsos da Bulgária, Hungria, Tchecoslováquia, Iugoslávia e Polônia. Os Aliados, liderados pelo Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos, derrotam a Itália na África. O ditador Benito Mussolini é deposto e os italianos assinam rendição. O Japão também é derrotado.
- Em junho de 1944 as tropas aliadas desembarcam na Normandia e libertam a França do domínio nazista. É o chamado "Dia D".
- Um mês depois, em julho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) embarca 25 mil soldados para a Europa. A guerra já estava no fim. O saldo para o Brasil foi de 465 mortos e 1,5 mil feridos.

FOTOS REPRODUÇÃO

Passagem do "HINDENBURG" por Blumenau, em 1º de dezembro de 1936



O sobrevo de zeplins como o Hindenburg, que passou por SC em 1936, fazia parte do aparato de propaganda nazista na América do Sul e ajudou a criar o mito de que o Brasil estava nos planos de Hitler



Milhares de livros escritos em alemão e italiano foram recolhidos e encaminhados à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), na Capital

PARTIDO NAZISTA COM 500 INSCRITOS

Na obra "Memórias de uma (outra) guerra", de 2004, a historiadora Marlene de Fáveri resgata as tensões que existiam nas cidades catarinenses. A convivência entre brasileiros e imigrantes já era marcada por desentendimentos e desconfiança mútua quando, em 28 de janeiro de 1942, um edital da Segurança Pública de Santa Catarina proíbe, por ordem federal, os colonos de falar, cantar ou cumprimentar em japonês, italiano e alemão. Era parte da estratégia de combate aos "inimigos", que tinha como principal meta enfraquecer o apoio ao nazismo e ao fascismo no Estado.

A política do governo Vargas para reforçar a figura do inimigo era, no mínimo, curiosa. Marlene cita um ofício enviado pela 5ª Região Militar a Nereu Ramos, o interventor – cargo que substituiu o do governador em Santa Catarina – alertando para a necessidade de uma "preparação psicológica" da população. Ataques aéreos simulados, quando sirenes tocavam e todos tinham que se esconder, e boatos sobre submarinos nazistas que rondavam a costa de Santa Catarina ajudaram a criar o clima de guerra. A historiadora relata que, mesmo tão distantes, os catarinenses tinham a sensação de participarem do conflito.

– O Estado, pelo Getúlio Vargas, Nereu Ramos e a polícia política, trabalhava na produção do imaginário do medo. A polícia alertava a população de que os nazistas estariam na costa com submarinos, que jogariam bombas, obrigavam as pessoas a ficar no escuro, para que o avião não as percebesse. O povo acreditava nisso, e tinha medo – diz.

Em cidades como Florianópolis, Joinville e Blumenau, atos públicos contra os "traidores", "alienígenas" ou "quinta-cóluna", como passaram a serem denominados os imigrantes, resultaram no apedrejamento de casas, pichações em muros e quebra-quebra de placas de ruas e lojas que ostentavam nomes alemães.

Membros de grupos simpatizantes ou declaradamente nazistas foram presos neste período, em diversas cidades catarinenses. Mas também muitos imigrantes que, por descuido ou desconhecimento, escorregavam na fala, ouviam rádio em língua estrangeira ou mantinham livros, jornais e revistas escritos em "língua inimiga".

Os números são incertos, por-

que muitos dos registros se perderam, ou não foram catalogados. Mas a estimativa é que, somente no primeiro ano de perseguição, entre 1942 e 1943, mais de 6 mil processos tenham sido instaurados em Santa Catarina contra os imigrantes pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Adotou-se a lógica da suspeição, em que falar alemão ou italiano era um atentado à soberania nacional.

Sueli Petry, diretora de Patrimônio Histórico e Museológico da Fundação Cultural de Blumenau, diz que as pessoas acreditavam que Santa Catarina estivesse nos planos de expansão do Reich alemão. Uma crença reforçada pela ampla propaganda nazista que se multiplicava nas colônias de imigrantes desde antes da guerra. Em 1934 e 1936, por exemplo, dois balões zeplins enfeitados com a suástica sobrevoaram cidades catarinenses – era uma maneira de mostrar ao povo alemão que vivia na América que o país era forte novamente.

– Aqueles que vieram de uma Alemanha decadente viraram os maiores simpatizantes do nazismo em Santa Catarina – analisa Sueli.

PARA PESQUISADOR, ALIADOS DE HITLER ERAM MINORIA

Empresários e outras figuras importantes da sociedade da época abraçaram as ideias nazistas e integralistas (movimento com ideias fascistas) em Santa Catarina. Oficialmente, o Partido Nazista tinha mais de 500 inscritos no Estado, entre eles intelectuais da época. Numa tentativa de enfraquecê-los economicamente, o governo publicou a "lista negra", uma relação de empresas que mantinham relações comerciais ou políticas com a Alemanha. Funcionários e industriais foram afastados e presos, sob a acusação de colaborar com os alemães.

Mas nem todos os imigrantes compactuavam das mesmas ideias. Para o superintendente do Instituto Carl Hoepcke, em Florianópolis, Max Müller, os simpatizantes de Hitler eram minoria.

– Colocaram-se injustamente todos na mesma panela. Houve reações violentas, inclusive de alemães que não aceitavam o regime que estava vigente na Alemanha. No Clube Germânia (na Capital), todos os sócios declarados do nazismo foram expulsos.



FOTOS REPRODUZIDAS

Multidão acompanha a bandeira nazista em parada festiva no interior do Vale do Itajaí. A partir da instituição do Estado Novo, em 1937, os partidos políticos são proibidos, e manifestações como essa também

HISTÓRIA (SUBS.FEM.)

1. Narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral: a história do Brasil; história universal.
2. Conjunto de conhecimentos adquiridos através da tradição e/ou por meio dos documentos, relativos à evolução, ao passado da humanidade.
3. Ciência e método que permitem adquirir e transmitir aqueles conhecimentos.
4. O conjunto das obras referentes à história.
5. Conjunto de conhecimentos relativos a esta ciência, ou que têm implicações com ela, ministrados nas respectivas faculdades: estudante de História. [Com cap., nesta acepç.]

O fato é que, quando o alemão e o italiano se tornam oficialmente inimigos do Estado, são a língua e os costumes que ditarão as prisões, e não apenas o apoio ao nazismo e ao fascismo. Os relatos de memória oral colhidos pela historiadora Marlene de Fávéri mostram que o medo e os castigos se espalhavam por delegacias em toda Santa Catarina. Uma das punições mais cruéis e temidas era ser “xaropeado”, obrigado a ingerir óleo diesel ou óleo de ricino, reservado aos rebeldes que insistiam em falar alemão.

Os que eram considerados subversivos ou perigosos eram afastados de suas cidades, obrigados a deixar o Estado – o que ocorria principalmente com membros do clero – ou presos. Dois “campos de concentração”, como ironicamente eram chamadas as prisões para os alemães nazistas, funcionavam em Santa Catarina, na Trindade, em Florianópolis, e no antigo manicômio Oscar Schneider, em Joinville. Outras prisões se espalhavam por todo o Estado, com características de trabalho forçado, falta de comunicação com a família e, em muitos casos, desconhecimento dos presos sobre as acusações que lhes pesavam.

Foi nesse cenário que a diplomacia espanhola, encarregada dos interesses da Alemanha no Brasil, passou a receber pedidos e informações dos imigrantes e descendentes de alemães. As relações estreitas entre os dois países vêm do período da Guerra Civil Espanhola, quando os nazistas apoiaram o governo franquista (de Francisco Franco) – uma parceria eternizada na obra *Guernica*, de Pablo Picasso, que retratou o horror de um bombardeio da força aérea nazista promovido por Franco, que deixou 7 mil mortos em 1937.

A Guerra Civil Espanhola serviu como um “laboratório” à Segunda Guerra Mundial para os alemães. Mas quando a guerra eclode, contrariando expectativas, Franco se coloca em posição de neutralidade.

– Os questionamentos sobre a neutralidade da Espanha têm uma força muito grande nos primeiros

anos de conflito, entre 1941 e 1942. Quando a Alemanha não estava mais nas mesmas condições do início da guerra, há tendência do governo espanhol de relativizar essa aproximação. Só que são justamente os anos que coincidem com essa participação no Brasil – comenta Manoel dos Santos.

CARTAS REVELAM AS CONDIÇÕES SUBUMANAS

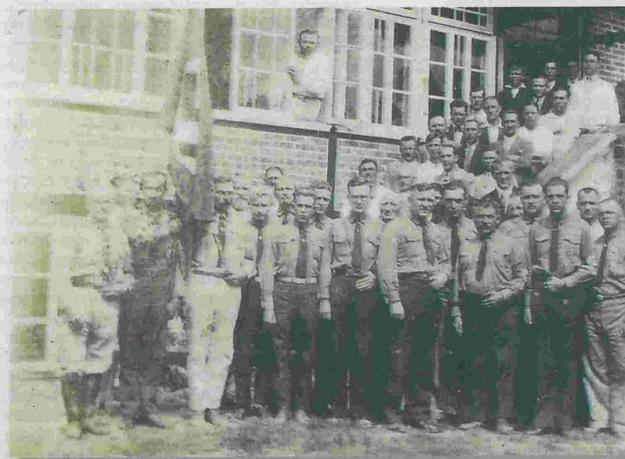
A Espanha recebeu cartas como as que foram assinadas pelo médico Godofredo Luce, de Jaraguá do Sul, em 1942, relatando casos que envolviam seus conterrâneos. Em uma delas, ele pede apoio a um idoso, doente de tuberculose, que já vivia no Brasil há 20 anos, movimentava-se com a ajuda de uma muleta, e virou alvo da polícia. “Agora ele não somente foi saqueado pela soldadesca policial, mas também judiado”.

Em outra comunicação, Luce relata que os presos, “a maioria sexagenários, se encontram incommunicáveis”, e que os parentes dos detidos foram assustados pela polícia, por “torturas e ameaças”. As condições das prisões, aliás, são motivo para outras tantas cartas. Uma delas, escrita em alemão por um dos detentos, acompanhada da tradução para a língua portuguesa, diz que ele permaneceu 11 dias em uma cela em “condição de latrina”.

O preso afirma que não sabe o motivo pelo qual havia sido detido. Da casa dele, relata, foram levados pelos policiais “duas bíblias, três livros de cânticos luteranos, três coleções escolares de cartas geográficas e uma revista de jardinagem de 1883”.

ALIADO (ADJETIVO)

1. Unido, ligado, junto.
2. Unida a outro ou a outros para ação comum: nações aliadas.
3. V. ooligado (2).
4. Antrop. Diz-se de indivíduo ou de grupo social que tem com outro uma relação de aliança (6). Substantivo masculino.
5. O que contraiu aliança.
6. Partidário, cúmplice, seqüaz.



A bandeira do Partido Nazista fazia parte do cotidiano de parte dos imigrantes alemães. Em Blumenau, grupo posa acompanhado do símbolo que, para muitos deles, representava a retomada de crescimento na Alemanha e o ideal nacionalista – que culminou com o Holocausto

BRASIL

Durante a Segunda Guerra, Getúlio Vargas, com o Estado Novo, declara guerra aos alemães que no Brasil viviam. É quando surgem os campos de concentração.

- No período da Segunda Guerra Mundial o Brasil vivia sob o Estado Novo, regime ditatorial de Getúlio Vargas que, entre outras medidas, ampliou os poderes do presidente, permitiu maior interferência sobre o Legislativo e o Judiciário e dissolveu os partidos políticos.
- As ideias nacionalistas do governo Vargas levam a uma política de “brasileiramento”, que incluem a repressão às comunidades de imigrantes. Professores são proibidos de lecionar em língua estrangeira, publicações são proibidas de circular.
- Vargas oscila entre a aproximação com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os Aliados, liderados pela União Soviética,

Reino Unido e Estados Unidos desde o início da guerra. Em 1942, navios mercantes brasileiros são torpedeados pelos alemães e aumenta a pressão para que o país se posicione. Brasil declara guerra ao Eixo, a favor dos Aliados, depois que os EUA concordam em oferecer um financiamento de US\$ 20 milhões, que permitiu a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

● A partir desse momento, a repressão aos imigrantes alemães, italianos e japoneses é intensificada. É quando são abertos os “campos de concentração”, prisões específicas para presos políticos. Essa atitude seguiu até o fim da guerra, em 1945.

JUDEUS PERDIAM A NACIONALIDADE

As cartas levaram a questionamentos da Embaixada Espanhola ao governo brasileiro – e a visitas de inspeção do próprio cônsul da Espanha em Porto Alegre, Federico Gabaldón, aos campos de concentração. Em fevereiro de 1944, o cônsul escreve a Antônio de Lara Ribas, delegado do DOPS em Florianópolis, intercedendo pelos presos que, naquela ocasião, estavam em confinamento, e alertando para o risco de alguma epidemia.

Do consulado de Porto Alegre saíram diversas listas com os nomes e profissões de todos os presos políticos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, que eram enviadas ao Ministério das Relações Exteriores na Espanha e, de lá, de alguma forma chegavam à Alemanha. A documentação mostra que os espanhóis forneciam consultas médicas, dentaduras, carteiras de cigarro, leite condensado e chocolate para os presos.

Tudo isso reforça as dúvidas sobre a neutralidade da Espanha, e também pode nos apontar que (essa assistência) talvez dependesse de quem estava envolvido. Durante todo o período em que se concentram esses documentos, o cônsul espanhol em Porto Alegre é Federico Gabaldón – comenta Manoel.

É de Gabaldón uma comunicação oficial, em 1943, ao vice-cônsul de São Francisco do Sul comentando uma nota do jornal A Notícia, em Joinville. A reportagem dizia que as autoridades locais não reconheciam as ações da Espanha como representante dos alemães. Galbadón pede que

o vice-cônsul desconsidere a notícia e que acate as decisões tomadas pelo Consulado. Um recorte dessa nota, assim como muitas outras reportagens de jornal, fazem parte do acervo de documentação espanhola.

Coube à Espanha, também, atender pedidos de alemães judeus que haviam imigrado para o Brasil. Hitler determinou que todos os judeus perdessem a nacionalidade, e eles precisavam de uma declaração oficial de que não eram mais cidadãos alemães para requisitar nacionalidade brasileira. São documentos que transcrevem as cruéis políticas nacionalistas alemãs, mesmo no Brasil.

SAUDAÇÕES DE NATAL PARA PRISIONEIRO DE JOINVILLE

As comunicações trazem um curioso retrato da relação estreita entre os dois países, ainda que extraoficial. Como no ofício enviado pelo cônsul Federico Gabaldón pedindo que fossem entregues felicitações de Natal aos prisioneiros do Oscar Schneider, em Joinville, em nome do Reich alemão.

Em outra carta, o Ministério das Relações Exteriores da Espanha determina que sejam pagos oito marcos a cada descendente de alemães, com menos de 18 anos, cujos pais tenham prestado serviço militar. A Embaixada espanhola também questiona o consulado sobre 11 catarinenses processados por comemorar o aniversário de Hitler – o embaixador queria saber se todos tinham condição de pagar um advogado.

Ainda não é claro para os pes-

quisadores quais eram os reais interesses dos espanhóis ao atuar em favor da Alemanha, e que acordos estavam em jogo. É possível que se tratasse de uma “aposta” a longo prazo, uma garantia de parceria caso o Eixo vencesse o conflito. Mas também pode ser que esse apoio tivesse cunho pessoal. Embora as ideias de Franco se aproximassem do nazismo, houve setores do governo espanhol que apoiaram a Inglaterra – e, portanto, o bloco dos Aliados – durante a guerra. A hipótese é de que a diplomacia espanhola no Brasil tivesse uma maior proximidade do Reich.

Chama atenção dos pesquisadores que, até assumir os interesses alemães, o papel da diplomacia espanhola no Sul do país, era pequeno. Mas, quando passa a representar a Alemanha, a Espanha revoluciona seus serviços consulares. Contrata tradutores e começa a emitir um grande volume de documentos – quase todos eles, provenientes do Consulado Espanhol em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que atendia Santa Catarina. Curiosamente, o mesmo não ocorre com os imigrantes japoneses, que também eram representados pela Espanha neste período.

Os papéis mostram que o consulado espanhol contratou advogados caros, do Rio de Janeiro, para defender presos políticos acusados de nazismo. Uma das comunicações mostra a cobrança dos honorários por parte de um deles, em 1945. A resposta foi que, terminada a guerra, a Espanha já não tinha responsabilidade

pelo pagamento.

Naquele período, todas as contas bancárias que pertenciam à diplomacia alemã no Brasil passaram a ser gerenciadas pela diplomacia espanhola. É a Espanha que assume, por exemplo, os alugueiros dos prédios que eram ocupados pelos diplomatas alemães – o que fica claro em um bilhete de cobrança, assinado em 1944 por Edith Gaertner, dona do imóvel onde funcionava o Consulado Alemão em Blumenau. Dias depois de enviado o bilhete, uma comunicação oficial dá conta de que foi feito o pagamento.

O inesperado fluxo de dinheiro, aliás, é algo que tem chamado atenção dos pesquisadores. São recibos de uma série de serviços, desde o pagamento de consultas e tratamentos médicos para os presos políticos, honorários de advogados e até pensões para famílias alemãs. Nesses casos, a Embaixada muitas vezes reconhecia que o pagamento era devido, mas informava que não havia dinheiro. De uma hora para outra, o recurso aparecia.

Há uma hipótese de que o dinheiro alemão continuava chegando ao Brasil. Fica claro, a partir desses documentos, que há uma rede de conexão, mas ainda precisamos analisar isso de forma mais cuidadosa – diz Manoel.

REPATRIAR

1. Fazer regressar à pátria: O governo repatriará os estrangeiros que fizerem declarações políticas. Verbo pronominal.
2. Regressar à pátria: Muitos emigrantes repatriam-se após enriquecer.

FOTOS REPRODUÇÃO



Fôlder guardado no Arquivo Histórico de Blumenau, distribuído à época da Segunda Guerra Mundial, alerta para um suposto interesse de Hitler em tomar a América do Sul

Recorte do jornal A Notícia, de julho de 1943, faz parte do acervo documental da diplomacia espanhola no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial



Jornal de São Paulo destaca em 1943, em plena guerra, a relação que existia entre simpatizantes do nazismo e do integralismo, que tinha inclinações fascistas, em Santa Catarina. Nessa época, os partidos políticos já haviam sido dissolvidos por Getúlio Vargas

MEDO FICOU VIVO

A falta de referências na história oficial de Santa Catarina sobre a relação com os espanhóis prova que há muito a se descobrir, ainda, em meio aos documentos. Para a historiadora Marlene de Fáveri, é possível que esses fatos tenham permanecido às escuras porque muitos papéis sumiram no Brasil após a guerra.

– Sabemos que muitos foram queimados, inutilizados, principalmente os que mostravam mais ligação com o nazismo e que comprometiam pessoas de alto escalão – diz.

Além disso, falar sobre as relações com a Alemanha era “tabu”. Embora o período sombrio de perseguições tenha terminado com a guerra, no imaginário dos imigrantes o medo permaneceu vivo – o que pode ajudar a explicar por que essas cartas trocadas com os espanhóis desapareceram, inclusive, da memória oral catarinense.

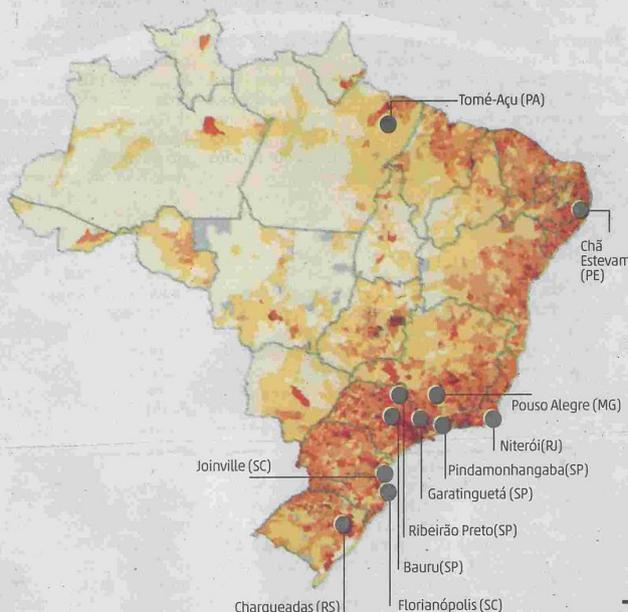
– É de um ineditismo fantástico. Os documentos levantam aspectos interessantes, polêmicos, que ficaram num certo limbo. Nos fazem lembrar que a história tem seus traumas – comenta Anita Hoepcke da Silva, presidente do Instituto Carlos Hoepcke, que se dedica à pesquisa e preservação da história da imigração alemã no Estado.

NOVAS LEITURAS SOBRE IMIGRANTES DE SC

Até o próximo sábado, 8 de setembro, parte dos documentos está em exposição na Biblioteca Pública de Santa Catarina, em Florianópolis. Depois, serão disponibilizados para pesquisas presenciais no Instituto Carl Hoepcke, também na Capital.

Dos documentos, é possível fazer novas leituras sobre a vida dos imigrantes em SC, sobre a neutralidade da Espanha, sobre a guerra e – por que não? – até mesmo sobre a atuação brasileira no conflito. Embora declaradamente ao lado dos Aliados, de alguma maneira o governo brasileiro permitiu que os alemães continuassem a ser assistidos, inclusive economicamente. E essa história ainda espera para ser contada.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO



● Em todo o país, de 1942 a 1945, o governo de Getúlio Vargas perseguiu e prendeu mais de 3 mil alemães, italianos e japoneses em espaços que ganharam o nome de “campos de concentração”, em sete Estados. O período de funcionamento das prisões políticas corresponde aos anos em que o Brasil esteve declaradamente em guerra contra Alemanha, Itália e Japão.

● Em SC, estima-se que mais de 200 pessoas foram detidas no presídio da Trindade, em Florianópolis – espaço que deu lugar a prédios da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – e no antigo manicômio Oscar Schneider, em Joinville. O edifício ficava no Bairro Atiradores, no terreno onde hoje está o Cemitério Municipal de Joinville.

● Documentos da época, aos quais os pesquisadores só tiveram acesso depois de 1996, relatam trabalho forçado e episódios de tortura nos campos de concentração brasileiros.

O Oscar Schneider era, aparentemente, a prisão com melhores condições no país. Na Trindade, há registros de um tratamento mais hostil aos prisioneiros. As comunicações diplomáticas espanholas falam, por exemplo, em confinamento e risco de epidemias.

● Além dos “campos de concentração”, imigrantes foram levados a delegacias, onde eram, interrogados e, muitos deles, torturados por agentes da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

História repatriada

O projeto História Repatriada é fruto de uma parceria entre o Instituto Carl Hoepcke e o Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (Labimha) da UFSC, com apoio da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), de Madrid, na Espanha. Além dos professores e pesquisadores Manoel Teixeira dos Santos e João Klug, da UFSC, participam do projeto os professores da Unisinos, Marcos Antônio Witt, Isabel Cristina Arendt e Maíra Inês Vendrame.

Serviço

O que: Exposição “História Repatriada”.

Quando: até 8 de setembro, das 8h às 19h, de segunda a sexta-feira, e das 8h às 11h45, no sábado

Onde: Biblioteca Pública de Santa Catarina, Rua Tenente Silveira, 343

Entrada gratuita

SANTA CATARINA

Nereu Ramos, demonstrando total apoio a Getúlio Vargas, replica no Estado a política de perseguição aos imigrantes, chamados de quistos étnicos, com atos como o fechamento de escolas e a proibição da “língua inimiga”

● No período do Estado Novo, Getúlio Vargas passa a nomear interventores, que substituem o cargo de governador. Nereu Ramos, eleito governador em 1935, foi mantido no cargo pelo presidente.

O apoio às políticas de endurecimento do regime de Vargas teriam garantido sua permanência no posto.

● Os nomeados pelo presidente seguem o Código dos Interventores, que proibia, por exemplo, contrair empréstimos sem prévia autorização do governo federal e restringia os recursos que os estados poderiam empregar em forças de segurança – uma maneira de evitar que fizessem frente ao Exército nacional. Era um instrumento de centralização de poder.

● A administração de Nereu Ramos

converge com o período de combate aos chamados quistos étnicos, as comunidades de imigrantes em Santa Catarina. Por ordem do governo federal, o interventor aperta o cerco especialmente aos alemães. Fica proibido falar, cumprimentar e cantar em “língua inimiga”. A nacionalização do ensino, quando muitas escolas de imigrantes são fechadas e não substituídas, é apontada por historiadores como uma das causas de redução da escolaridade no Estado.

● Em Santa Catarina, naquele período, os Ramos rivalizavam com os Konder, que tinham base em Itajaí, e se alternavam no poder. O maior apoio dos Konder estava no Vale do Itajaí, região que sofreu com a política de perseguição aos imigrantes.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

01/09/2018

[Esqueleto de três mil anos é descoberto durante obra de trânsito em Florianópolis](#)

[Painel fotográfico valoriza fachadas de Florianópolis](#)

[Total de eleitores indecisos, que devem anular ou votar em branco é o maior dos últimos 12 anos em SC](#)

[Setembro Verde: mais de cinco mil pacientes aguardam para realizar colonoscopia em SC](#)

[Urubici apresenta turismo de gastronomia com pratos de truta e visita a trutário](#)

02/09/2018

[Luzia, fóssil humano mais antigo das Américas, faz parte de acervo do Museu Nacional](#)

[Frota brasileira não passa de 300 veículos](#)

[Frota brasileira não passa de 300 veículos](#)

[Pesquisador da UFSC se prepara para segunda expedição à Antártica](#)

[SM de Negócios: Os caminhos e desafios para Santa Maria seguir o exemplo do Sapiens Parque de Florianópolis](#)

[Cartas espanholas falam de condições sub-humanas em "campos de concentração" de SC](#)

[Documentos revelam que a Espanha ajudou alemães em SC durante a Segunda Guerra](#)

[Livro sobre Migração do AM para o FM será lançado em Santa Catarina](#)